

Partilhando Idéias - Santo Daime: teoecologia e adaptação aos tempos modernos

Maria Clara Rebel Araújo (Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ)

Sobre a dissertação:

O presente artigo pretende partilhar algumas das idéias e discussões presentes na dissertação “Santo Daime: Teoecologia e adaptação aos tempos modernos”, de nossa autoria, que foi defendida em abril de 2005 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nossa pesquisa foi sobre a doutrina do Santo Daime, religião brasileira surgida no Acre por volta de 1930, e inicialmente seguida por imigrantes nordestinos e seus descendentes, agricultores e seringueiros. Embora inicialmente (da década de 30 até o fim da década de 70) tenha ficado restrito ao Norte do Brasil, a partir desta época o Daime (mais especificamente a linha conhecida como Cefluris) foi trazido para as grandes cidades brasileiras, tendo despertado a atenção de artistas e intelectuais, vindos na maioria das camadas médias. Hoje, existem igrejas daimistas em todos os estados brasileiros e também em alguns países.

Esta doutrina utiliza em seus rituais um chá com propriedades psicoativas e o canto de uma série de hinos, que por vezes também são dançados. O chá, segundo o fundador da doutrina, Raimundo Irineu Serra, “tem poder inacreditável”, sendo responsável, em alguns casos, por mudanças profundas na visão de si mesmo e do mundo, trazendo curas e ensinamentos para muitos que o experimentam.

Em nosso estudo, procuramos lançar um olhar psicossocial sobre o grupo daimista, ou seja, sobre as pessoas que ingressaram nesta religião e se tornaram *pardados*, membros do Santo Daime. Inicialmente, nossa idéia era estudar os membros amazônicos e os membros “do sul”, procurando analisar as diferenças e as correlações entre um grupo e outro. Havia a curiosidade de investigar como esta doutrina conseguiu (e consegue) acolher pessoas com *backgrounds* sociais tão diferentes (quase antagônicos), e em que

medida esta convivência era harmoniosa ou não. Enfim, como esse entrelaçamento psicossocial vem sendo construído ao longo destes 20 anos de convivência “povo do Norte”/ “povo do Sul”.

Quando utilizamos a palavra “psicossocial”, nos referimos à tentativa de entender melhor a relação entre os indivíduos daimistas e sua subjetividade, ou seja, suas crenças, suas experiências pessoais com o chá, as mudanças que o fato de se tornarem fardados provocou em suas vidas, e a dimensão social desta série de fenômenos (no caso, a sociedade daimista, que está em relação, também, com outras sociedades e grupos). Ou seja, nossa abordagem da doutrina do Santo Daime procura compreender a relação indivíduo-sociedade como um todo dinâmico, sempre mudando.

Aliada a esta questão, há o interesse em investigar o que Nise da Silveira chamou de “os inumeráveis estados do ser” (referindo-se neste caso aos estados psicóticos e esquizofrênicos), ou seja, a idéia de que os conceitos de “loucura” e “normalidade” não são estanques e radicalmente opostos, mas sim diferentes faces da condição humana. Em nosso caso, desde muito cedo surgiu o interesse em investigar outros estados de consciência (“patológicos” ou não), bem como os símbolos e imagens que costumam “emergir” da mente humana em tais situações. A miração pode ser considerada um dos inumeráveis estados do ser.

Os relatos de Aldous Huxley, Carlos Castaneda e Stanislav Grof (psicólogo transpessoal), que utilizaram substâncias psicoativas e escreveram sobre isso, tratam de fortes experiências de êxtase e de profunda compreensão de si mesmos e do mundo a sua volta. Embora em momento algum estes autores façam uma “apologia às drogas”, e estas jornadas ao inconsciente ou a “outros mundos” possam ser realmente repletas de obstáculos e do risco real da loucura, é inegável que seus escritos fascinaram milhares de pessoas, e revelaram *insights* sobre a psique que ainda não foram explorados a fundo pela psicologia e pela psiquiatria. Tal como afirma C.G.Jung em *Psicologia e Religião*:

Conheço um número consideravelmente grande de pessoas que têm que levar a sério suas experiências íntimas se quiserem pura e simplesmente viver.(...) entretanto, devo indicar que não se trata de questão de fé, e sim da questão da *experiência*. A experiência religiosa é algo de absoluto. Não se pode discutir a este respeito. Só é possível dizer que nunca se teve a experiência desse tipo, ao que responderá o adversário: “lamento muito, mas eu a tive”. E com isso está encerrada a discussão.

Não importa o que o mundo possa pensar da experiência religiosa. Aquele que a tem possui o grande tesouro representado por algo que se tornou para ele uma fonte de vida, sentido e beleza e que conferiu um novo esplendor ao mundo e à humanidade. (1965, p.118)

Stanislav Grof criou a Psicologia Transpessoal a partir de experiências pessoais e clínicas com o LSD. Embora a década de 90 tenha sido considerada a “década da neurociência” e pesquisas de numerosos cientistas tenham esclarecido muito sobre a consciência e outros fenômenos mentais como a atenção e a aprendizagem, pouco ainda foi descoberto sobre os estados alterados de consciência, e “revelações místicas” induzidas ou não por psicoativos são sistematicamente desmerecidas pelo pensamento moderno. Grof chama estes estados alterados de consciência de “estados holotrópicos¹” um mundo ainda praticamente inexplorado pela ciência moderna, e em especial pelas ciências da mente. Ele afirma que tais estados são base das religiões antigas, sobretudo o xamanismo, uma das mais antigas religiões humanas. Segundo Grof :

Um aspecto particularmente interessante dos estados holotrópicos é seu efeito sobre os processos de pensamento. O intelecto não fica debilitado, mas opera de uma forma significativamente diferente de seu modo de funcionamento diário. Embora não possamos confiar em nosso julgamento sobre assuntos práticos (...) podemos ter profundos *insights* psicológicos relativos a nossa história pessoal, dinâmicas inconscientes, dificuldades emocionais e problemas interpessoais. Também podemos experimentar revelações extraordinárias sobre vários aspectos da natureza e do cosmo que em muito transcendem nossa formação educacional e intelectual. Contudo, de longe, os mais interessantes *insights* disponíveis durante os estados holotrópicos tratam de questões filosóficas, metafísicas e espirituais. (2000, p.19)

O Santo Daime é uma religião que resgata e valoriza intensamente os estados alterados de consciência (as *mirações*) como forma de alcançar a iluminação espiritual, não só por meio da ingestão do chá (também conhecido como Daime, *yagé*, *ayahuasca*, Vegetal, *caapi*), mas também pelo canto repetitivo de hinos, que, segundo seus integrantes, são ditados diretamente do mundo Astral, e que contém ensinamentos, poder de cura e revelação.

Nosso interesse em pesquisar a doutrina do Santo Daime concentrou-se, a medida em que realizávamos a pesquisa, na tentativa de entender melhor como se dá este estado alterado de consciência, e em que medida esta experiência pessoal se entrelaça com o social. Os daimistas chamam este estado de *miração*, e muitas vezes, em conversas com conhecidos membros da doutrina, ouvimos explicações tais como: “Essa questão só é desvendada na miração, e assim mesmo só para alguns”; ou “aí, na miração eu vi o que estava realmente acontecendo por trás da situação x”. O Daime é considerado muitas vezes um instrumento terapêutico ou facilitador de estados mentais espiritualizados.

A partir deste ponto, começamos a formular a hipótese de que aos hinos influenciariam a miração, direcionando-a para um propósito religioso, e que este fato diferenciaria a experiência do daime de uma experiência com outras drogas psicoativas tomadas em outros contextos sócio-culturais, como por exemplo o LSD era tomado nos anos 60ⁱ e 70.

Neste sentido, pareceu-nos pertinente estudar a Doutrina do Santo Daime dentro da Psicologia Social, uma vez que esse campo do saber se dedica a entender de forma aprofundada a relação homem-sociedade num todo dinâmico. No presente caso, pareceu-nos difícil isolar os componentes individuais da experiência com o chá do contexto social que o envolve. Não só porque o ritual é complexo e envolve elementos de diversos sistemas religiosos, mas possuindo, como veremos uma singularidade, como também existem mudanças sociais mais amplas que envolvem os adeptos da doutrina. Chamou-nos a atenção as mudanças no comportamento social dos participantes, que passam, segundo seus relatos, a verem a vida sob um novo ângulo, abandonando uma série de hábitos e, em alguns casos, realizando uma ampla transição em suas vidas.

O Santo Daime também sofreu numerosas perseguições e averiguações (além de um tratamento nem sempre respeitoso por parte da imprensa). Atualmente, uma resolução do CONAD finalmente regulamentou e liberou o uso do chá para fins rituais e de pesquisa. Esta resolução será um dos anexos de nossa dissertação.

Assim sendo, procuramos inicialmente contar uma história resumida da doutrina, pensando especialmente nos psicólogos e psicólogos sociais, que não conhecem o Santo Daime. Nossa intenção foi estudar o Cefluris (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), linha daimista fundada pelo Pd. Sebastião que mais tarde se

expandiu para o Sudeste. Pareceu-nos importante mostrar a estes leitores os aspectos principais da doutrina, a fim de que alguns pré-conceitos e desinformações sejam esclarecidos.

Procuramos, também, começar a discutir a questão da *miração*, o estado alterado de consciência propiciado pela ingestão do daime. A *miração* traz acesso a conteúdos da psique do indivíduo, não só de seu consciente e inconsciente pessoal, mas muitas vezes também a aspectos que podem ser considerados pertencentes a uma “inteligência coletiva” mais ou menos como a descrita por Lévy (1996). Ou seja, a *miração* abre espaço para a “comunicação”, a ligação com entidades que fazem parte dos mitos cristãos, indígenas e afro-brasileiros, o que os torna muito presentes na vida destas pessoas e gera propósitos de estruturação social

Utilizamos nesta dissertação algumas referências teóricas da Psicologia Social que utilizamos para estudar o Santo Daime. Utilizamos o conceito de *prece* encarada como um fenômeno social, tal como afirma Marcel Mauss. Porém, é importante em momento algum perdermos de vista a dimensão individual do fenômeno da *prece*. Afinal, nenhuma *prece* e nenhum hino é concebido sem o indivíduo, e este indivíduo muitas vezes está ligado intimamente à *prece*:

Da mesma maneira que cada um tem seu estilo, seu sotaque, ainda que falando a linguagem nacional, cada um pode criar sua *prece*, sem que a *prece* deixe de ser uma instituição social. Quanto às *preces* que, compostas por indivíduos, entram nos rituais, a partir do momento que elas são aí recebidas, deixam de ser individuais. (p.122)

Podemos afirmar portanto que a *prece* está estreitamente ligada a este grupo social, pois os hinos da doutrina pertencem à coletividade e aos rituais daimistas, fortalecendo suas crenças e ajudando a produzir determinados comportamentos sociais e construções sociais da realidade. Porém, não pretendemos afirmar que a *prece* é puramente um fenômeno coletivo, especialmente no caso do Santo Daime, pois nossa hipótese é a de que além de estar ligada a fenômenos coletivos, os hinos vão também se ligar às *mirações*, que são fenômenos em grande medida individuais, experimentadas de forma subjetiva e pessoal pelos participantes. O próprio Mauss (op.cit.) vai destacar a dimensão da psicologia individual, afirmando: “Mas quando dizemos que a *prece* é um fenômeno social, não queremos dizer que ela não seja numa certa medida um fenômeno individual”.(p.122)

Utilizamos especificamente a teoria das representações sociais e a memória coletiva. Em representações sociais, utilizamos o conceito de *themata* tal como este é abordado por Moscovici, ou seja, como ferramenta de análise de discurso, e também outros autores deste campo, como D. Jodelet e Celso Sá.

Articulamos as representações sociais com o conceito de memória coletiva, tal como descrita por Halbwachs e Le Goff. Ou seja, entendemos a memória coletiva como uma espécie de *gestalt* onde os elementos das memórias individuais se combinam para a emergência da memória coletiva de um determinado grupo, e que se modificará à medida que os membros do grupo mudam. Portanto, ao realizamos um estudo de psicologia social sobre o Santo Daime, estamos falando de uma série de lembranças, fatos e práticas que foram e são vividos de forma individual e coletiva.

O indivíduos entrevistados narram suas histórias pessoais e pontos de vista a partir de um pertencimento social que os une num mesmo grupo. No presente caso, é interessante lembrar que dentro do grupo- Santo Daime existe uma diversidade social enorme, pois um número expressivo de daimistas veio de religiões muito diversas entre si- há entre eles indivíduos de origem judaica, espírita, católica, umbandista, assim como de classes sociais muito diversas, que partem dos seringueiros do Alto Amazonas, descendentes de imigrantes nordestinos até os membros da classe média carioca, profissionais liberais, por vezes oriundos da contracultura dos anos 60. Todas essas memórias biográficas vão se somar no grupo social Santo Daime, construindo e partilhando de uma memória comum. Para Halbwachs:

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. (1992, p.60)

Tentamos mostrar que tanto representações sociais quanto a memória coletiva terão como veículos de divulgação privilegiados os hinos, no caso do Santo Daime. Os hinos desempenhariam o papel de transmitir os ensinamentos e a própria memória daimista, uma vez que são os textos sagrados desta religião. Eles traçam uma construção social da realidade, tal como descrita por Berger e Luckman, cientistas sociais que também foram

abordados nesta parte da dissertação. É a linguagem que faz a ponte entre a experiência subjetiva e sua partilha e assimilação entre o grupo, mesmo quando, como no caso da experiência com o enteógeno, a realidade interna muitas vezes tome a proporção de um contato com um mundo desconhecido:

O paradoxo que consiste no fato do homem ser capaz de produzir um mundo que em seguida experimenta como algo diferente de um produto humano (...) é importante acentuar que a relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (...) (em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. O produto reage sobre o produtor. (2003, p.87)

Nosso estudo não pretende revelar nenhum sentido “oculto” dos hinos- deixamos isso para os que realmente quiserem experimentar o chá e viver a experiência do ritual. Apenas, percebemos que os hinos são fundamentais quando se quer conhecer a construção das práticas e crenças daimistas, e também perceber a importância que os mesmos desempenham durante a miração.

O trabalho de campo

Fizemos uma seleção dos hinos mais cantados no Daime (o Cruzeirinho, últimos 12 hinos do Mestre e a Oração, seleção de 13 hinos dos Pds. Sebastião e Alfredo). Realizamos também entrevistas com quinze pessoas, todas elas fardadas há mais de dez anos. Buscamos aqui abordar alguns temas que nos pareceram importantes para uma compreensão da doutrina- sua relação com outras religiões, a ênfase dada à natureza (uma vez que, como veremos, os daimistas se auto-denominam “Povo da Floresta”, e existem inúmeras referências à natureza nos hinos e nas práticas daimistas), as relações amistosas e tensas entre os daimistas do “Norte” e do “Sul”, e alguns temas dos hinos. Procuramos também abordar a história da doutrina a partir da história biográfica destas pessoas, fazendo, como afirma Halbwachs, a memória coletiva emergir a partir dos relatos de várias memórias individuais. Para preservar o anonimato destas pessoas, vamos chamá-las de S2, S3, e assim por diante.

Araújo (2003), ao analisar uma linha religiosa afim com o Daime, a Barquinha, utiliza o termo “cosmogonia em construção” quando se refere à teologia das religiões ayahuasqueiras brasileiras. Embora a memória coletiva seja também um processo

psicossocial em eterna construção, no Daime este fato torna-se mais evidente e mais atraente para a pesquisa, pois sua História, como veremos, é bastante recente, data de menos de um século, e no caso da linha daimista escolhida como objeto de nosso estudo, menos de 50 anos. Muitos dos que protagonizaram diversas passagens de sua História ainda estão vivos, e tiveram a gentileza e a disponibilidade de nos conceder uma entrevista.

Ao começarmos a estudar Daime, percebemos que muitos autores afirmam que esta é uma religião “ecclética”, que absorve e resignifica crenças e práticas de diversas religiões. Porém, através das entrevistas e de muita leitura, foi possível perceber que o Santo Daime é uma religião eclética, sim, mas com características únicas, que consegue somar outras crenças em seu sistema sem com isso perder a identidade.

Mestre Irineu pode ser considerado o fundador das religiões ayahuasqueiras brasileiras, conceito proposto por Labate (2004). Ou seja: foi através da revelação da rainha da floresta que se funda um uso resignificado da ayahuasca, que passa a se chama daime (“Dai-me Luz, dai-me força...”) e toda uma mudança no uso ritual do chá, tal como assinala Mac Rae (1992), já que há uma democratização do uso do chá e do canto dos hinos (não mais os *ícaros* dos xamãs), entre outras mudanças com relação ao uso ameríndio do chá.

O comando do Pd. Sebastião e a fundação do Cefluris podem ser considerados um “ponto de mutação”, no sentido de que ele (e os que com ele trabalharam) permitiu e incentivou uma série de mudanças na doutrina, aberturas que foram fundamentais para que o Daime fosse conhecido por pessoas do Sudeste, mesmo que fossem atéias ou apenas curiosas. Além disso, ele permitiu que alguns escolhidos levassem a doutrina para o sudeste e fundassem os primeiros pontos daimistas, o que fez com que esta se expandisse de uma forma inesperada:

Primeiro, o principal responsável pela expansão do Santo Daime foi o Pd. Sebastião, que foi um homem que sempre recebeu qualquer pessoa em sua casa, e também nos ensinou a fazer isso, também receber qualquer pessoa que quisesse ter o conhecimento, o conhecimento é para todos, então o Santo Daime é para todos. (S10)

Um ponto a ser destacado é a recomendação expressa do Pd. Sebastião para que todos os visitantes fossem bem recebidos, presente no já citado hino: “Recebe todos que chegar/Faz o que eu te mandar”. As outras linhas daimistas e ayahuasqueiras, de maneira geral, não eram na época (décadas de 70-80) muito abertas a estranhos. S2 recorda que o

Pd. Sebastião recebeu a todos muito bem, e que esse acolhimento foi fundamental para que o Daime crescesse e se expandisse:

Acho uma coisa interessante, porque o Pd. Sebastião e o povo de lá de uma maneira em geral, não tiveram o menor preconceito. Há vinte anos atrás a gente usava minissaia e os homens tinham cabelo comprido, e foi desse jeito que a gente foi. E não teve preconceito nenhum, o Pd. Sebastião inclusive gostou, a gente sentiu que ele gostou, gostou daquela galera com aquela cara diferente. A gente teve muita sorte, fomos agraciados com essa generosidade do povo de lá e principalmente do Pd. Sebastião. Que confiou, deu Daime para eles (os fundadores das primeiras igrejas do sudeste, nota minha) e não teve o menor preconceito com a nossa minissaia, cabelão compridão. (S2)

O Cefluris sofreu uma considerável influência do espiritismo kardecista (primeira religião do Pd), e mais tarde abriu-se também para a umbanda, movimento que iniciou-se com Sebastião e ganhou força com o comando de Pd. Alfredo, tal como este último conta:

(...) agora, associando à Doutrina, nós havíamos vindo de uma educação espiritualista porque meu pai foi sempre uma pessoa mediúnica, (...) essa vidência, e também compreender a dimensão espiritual do que ele via, espíritos de luz, do alto Astral, e ele no decorrer do tempo foi se envolvendo também com os espíritos da floresta, que são os caboclos, e os espíritos das águas, que são os encantados e assim também os sofredores e até os eguns, e essa outra linha, que chamam de exus e pomba-gira, entendeu?

Outra mudança implantada pelo Cefluris foi o movimento comunitário: Embora já no tempo do Mestre as famílias daimistas procurassem morar próximas umas das outras, foi com Pd. Sebastião que passou a existir efetivamente um ideal comunitário: toda a irmandade morando junta, dividindo o trabalho, as terras, etc. Desde a Colônia 5000, passando pelo Rio do Ouro, o Céu do Mapiá e mais recentemente o Juruá, foi sendo buscada a auto-suficiência econômica e o plano de desenvolvimento sustentável. Pd. Alfredo comenta:

Quero acrescentar que aí veio também a idéia de viver comunitariamente, porque a nossa religião ela uniu o conhecimento e teve a tendência de unir mais as famílias e unir as pessoas num trabalho comunitário que é uma coisa que uniu a gente mais na Doutrina.

Se formos analisar o próprio nome da instituição, Centro *Eclético* de Fluente Luz Universal *Raimundo Irineu Serra* (Cefluris), perceberemos que a sua *linha* espiritual reafirma a importância do ecletismo, mas sem abandonar os ensinamentos e considerar a

importância do Mestre. É inegável, porém, a abertura do Padrinho para outras linhas de pensamento, tanto espirituais quanto seculares (no caso do comunitarismo). Isso acentua este movimento de reforma.

Entre as pessoas do sudeste que primeiro conheceram e se ligaram ao Santo Daime, havia, como já foi dito, os que tiveram uma formação marxista, tendo militado em movimentos de esquerda e/ou apoiado presos políticos do regime militar. Essas pessoas não estavam necessariamente buscando uma religião, e muitas eram atéias convictas.

O que parece ter atraído essas pessoas não foi só o chá e seus poderes psicoativos, mas também a possibilidade de uma militância e uma luta política ligada ao desenvolvimento sustentável das comunidades do Acre, sobretudo do Mapiá, que lutava pela sobrevivência com muita dificuldade. A luta ecológica pela preservação da Floresta Amazônica também foi de importância fundamental, afinal o “povo do daime” sempre esteve intrinsecamente ligado à Floresta - sendo cada vez mais chamado de Povo da Floresta:

Passei poucos anos aqui no Rio de Janeiro, lá no Céu do Mar, e fui para a Amazônia. Lá eu pude assim, me conhecer profundamente, e pude também realizar uma série de trabalhos com o povo, dos quais eu sempre tive muita vontade também, eu que durante muito tempo lutei contra as injustiças sociais (grifo meu), lá eu tive oportunidade de ter contato com esse povo necessitado, e pude fazer muitas boas amizades, e conhecer uma nova realidade de vida, o que me trouxe muitas coisas boas (...). Então, a partir disso eu me integrei no trabalho da Comunidade Céu do Mapiá. (S10)

A idéia de ajudar no desenvolvimento de uma comunidade com características tão especiais parece ter sido extremamente atraente para estes ex-militantes de esquerda, perceberam que ali havia duas causas importantes a serem abraçadas- a preservação da floresta e da própria comunidade e doutrina:

Aí é isso, a minha geração se entregou, porque você sabe que a nossa geração tem uma história de luta política muito grande, de repressão, de querer melhorar o social desse Brasil miserável, a minha geração foi muito sofrida, eu perdi muitos amigos, e muitos dos nossos foram pessoas que tiveram uma vida bem prejudicada na época. Depois da anistia, quando voltou todo mundo, que começou essa história toda, é uma maravilha poder fazer tudo, né?(S14)

Outro grupo que se engajou nestas lutas foram pessoas ligadas à contracultura. Havia aí quem já estivesse numa busca religiosa e também pessoas que buscavam uma

expansão da consciência, uma outra maneira de encarar a realidade. Luiz Carlos Maciel, autor de vários livros sobre a contracultura, diz que:

O centro vital da contracultura era a expansão da consciência. Pode-se dizer, inclusive, que a mutação psicológica, em contraste com o aprendizado intelectual foi o acontecimento central dos insólitos anos sessenta. Textos de Timothy Leary e Alan Watts explicitam os novos fenômenos. Experimentaram-se, na oportunidade, ao vivo, novas dimensões da realidade. (1996, p. 273)

Outro fato importante que merece ser mencionado é que mesmo sendo uma “religião da floresta”, o Daime conseguiu se expandir e se adaptar a lugares sem mata- os grandes centros urbanos do Brasil e do mundo. Os daimistas acreditam que o chá contém em si a floresta, as águas, o vento e seus seres encantados. E podemos perceber aí também uma forte influência dos hinos, que evocam e louvam os elementos e seres da natureza, permeando a experiência da miração.

A idéia de uma *teoecologia* parte do ponto de vista de que a natureza, além de imprescindível para a sobrevivência do homem, é uma fonte inesgotável de cura e de ensinamentos. Tal como afirma um hino do Pd. Alfredo que não faz parte da Oração, mas que iremos citar:

(...)
Este Santo Soberano
De poder universal
Quem destrói a natureza
Está ferindo o nosso Pai

O nosso Pai e nossa Mãe
Nos olha todo momento
Nos dá tudo em abundância
A saúde e o alimento
(...)
(Hino 162- Pd. Alfredo)

Este princípio alia o ecletismo daimista aos ideais ecológicos, pois enfatiza-se a idéia de que a natureza seria a moradia de diversos guardiões espirituais. Mais do que nunca, trata-se de uma floresta mística mais do que concreta, pois, com a expansão da doutrina para os grandes centros, nem sempre a natureza está fisicamente presente, fazendo-se presente de forma simbólica. A natureza se representa sob a ótica do discurso contemporâneo da ecologia.

A partir deste discurso ecológico também vai se fortalecer união entre o Daime e linhas espirituais que também tem a natureza em alta conta, como a Umbanda, que vê as cachoeiras, o vento, o mar e mata como lugares em que estão presentes os orixás, caboclos e pretos-velhosⁱⁱ O Santo Daime também tem progressivamente procurado fortalecer contato com outras linhas espirituais espalhadas pelo planeta que utilizam plantas sagradas e estão ligadas a grupos étnicos indígenas, como a *American Native Church.*, que procura unir crenças e práticas de povos nativos da América Central e do Norte, e que utilizam os cacto peiote (*lophophora williaamsi*) psicoativo, como sacramento religioso:

Isso aí é tradição dos povos indígenas das Américas, entende, o Daime pertence a uma família, que praticamente, segundo afirmam os pesquisadores, da Patagônia ao Canadá, sem exceções, *sem exceções*, todas as culturas nativas sempre utilizaram as chamadas *plantas de saber, plantas de poder, plantas maestras*, as plantas professoras, que eram utilizadas em rituais religiosos com finalidades de purificação, iluminação, curas, revelações, ritos de passagem, então o daime é usado justamente para isso.(S3)

Praticamente todos os entrevistados afirmaram que a presença física da natureza não é imprescindível para o trabalho de Daime, mas que é muito melhor fazer trabalhos próximos a algum sítio natural, ou mesmo dentro da mata em certas ocasiões. A natureza é vista pelos daimistas como fonte de poder e saber, mas independente de sua proximidade física, tudo isso está contido no Santo Daime, onde quer que ele seja tomado. Alguns afirmaram que o daime traz em si a floresta e sua força espiritual e que portanto onde quer que se tome o chá a floresta estará presente, pois o daime é uma dádiva da Floresta Amazônica para os homens, tal como afirma Pd. Alfredo:

É interessante, porque a natureza está em todo lugar. Deus está em tudo, está dentro da gente em qualquer lugar que se estiver. E no mais, o mais bonito, o primoroso é que o próprio Daime é a floresta, é a Amazônia, é a Rainha da Floresta, é o Mestre Irineu e pode ser um monte de índios, de caboclos, reúne uma energia de grande poder. Na floresta virgem mesmo você só vê seres da mata mesmo sem tomar nenhuma coisa, no reino da floresta você de repente faz contato com essas entidades do reino da natureza. Mesmo quando a gente toma o Daime assim num lugar que parece que não tem natureza, você olha e ela tá lá, em algum lugar ela sempre resiste, você olha e *tum*, num cantinho tá ela ali, te levando para a compreensão de Deus.

Com isso é ressaltado o fato de que o Daime não é apenas um instrumento de auto-conhecimento, mas contém em si um mestre e a própria floresta, fonte de ensinamentos e poder.

Hinos e Miração

Para a maioria dos entrevistados existe uma relação entre os hinos e a miração. Essa relação não é direta, nem acontece o tempo todo, mas é um dos pontos que parecem ser fundamentais na Doutrina. Em nossa visão, é o ponto em que a mensagem dos hinos se liga à psique dos indivíduos, formando um vínculo entre suas vidas pessoais e o coletivo daimista, assim como a cultura deste grupo social.

Para os entrevistados, essa ligação entre os hinos e a miração pode ser exemplificada de muitas maneiras. A 1ª, segundo o entrevistado S13, está dentro da própria história que conta como o Mestre Irineu recebeu seu 1º hino: ele encontrava-se na mata, havia tomado daime sozinho e estava olhando para a Lua e mirando. Dentro da Lua apareceu N. Sra. da Conceição, que lhe passou vários ensinamentos, e, mais tarde, o mandou cantar um hino que ela iria ensinar. Irineu então abriu a boca e cantou o 1º hino da Doutrina, Lua Branca:

Quer dizer, através da miração da Lua branca, que estava refletindo N. Senhora, surgiu. Então o 1º hino já mostra a possibilidade. Não são todos assim, não há uma receita pronta, fixa. O próprio hinário, todos os hinários, se você for pesquisar, vai encontrar ligação entre hinos e miração. Essa foi uma miração que gerou um hino. Outro caminho é a pessoa estar cantando e o hino vai corresponder à miração que ela está tendo. Mas nada é receita. Cada caso é um caso. (S13)

Este 2º caso também foi experienciado por muitos entrevistados: o indivíduo está num trabalho, e começa a ter uma miração, ou surge uma passagem de sua vida, e de repente ele tem um *insight* de que o hino está de alguma forma *explicando* aquela miração ou aquele momento que ele está vivendo. Um exemplo interessante foi dado pela entrevistada S6:

Tanto no sentido da hora do trabalho, de você estar lá, e às vezes toca determinado hino que seja por um processo que você esteja passando, você pode até estar passando um pouco mal para você prestar atenção no hino, ou então tem aquela parte do hino que abre toda uma história da sua vida, uma coisa que

você fala: “Nossa, então é verdade”, já abre uma miração que vem a partir de um determinado hino.

Parece haver aí uma conexão, um sentido entre o hino e a miração, seja ela visual ou não, que transcende o momento do ritual e tem o poder de explicar, de dar a chave para questões da vida do indivíduo. Desta ligação podem ocorrer profundas mudanças no modo deste indivíduo ver a si mesmo e o mundo a sua volta. É este novo sentido que pode, daí em diante, fazer com que esse indivíduo se identifique com o coletivo daimista, assumindo seus valores e cumprindo seus preceitos.

Para os daimistas um grande trunfo nesta ligação entre o espiritual e o carnal é estar sintonizado e praticando as mensagens contidas nos hinos. Eles chamam isso de “sintonia fina”, pois estar conectado com os hinos os coloca em contato com seres e energias luminosas que são capazes de dar força, coragem e sabedoria para enfrentar os desafios concretos e sutis da vida.

Portanto, podemos afirmar que há um estreito vínculo entre os hinos e a experiência da miração, por uma série de motivos: em primeiro lugar, os hinos fazem com que o neófito se familiarize com os ensinamentos do Santo Daime, e também retratam alguns elementos da memória daimista. Em segundo lugar, os hinos estruturam a miração, que deixa de ser uma experiência “psicológica” e estritamente individual para se tornar uma experiência coletiva, unindo os daimistas numa “corrente energética”, dando-lhe sentido. Este sentido se faz de forma ampla e não linear, pois ao mesmo tempo que “O meu encontro com Jesus/ *Só eu sei destrinchar*”, “*Ela mostra a todos a todos nós/ Aqui dentro desta verdade*”. Ou seja, há um fluxo intenso entre o pessoal e o coletivo: “Todos nós somos filhos/Todos nós somos herdeiros”ⁱⁱⁱ.

Esperamos ter conseguido mostrar alguns pontos interessantes levantados na dissertação “Santo Daime: Teoecologia e adaptação aos tempos modernos”. Procuramos ressaltar, neste relato, o papel da Psicologia Social- como é possível observar uma rede de construções entre o individual e o coletivo- no estudo as religiões e nas práticas que envolvem o uso deste psicoativo com características tão singulares.

Para realizar nossa dissertação, utilizamos também uma série de estudos antropológicos sobre os usos da ayahuasca, e também foi muito útil a contribuição da

Psicologia Transpessoal, que possui uma abordagem profunda dos fenômenos espirituais e arquetípicos.

Quando começamos a pensar na possibilidade de estudar este tema, notamos não existe nenhum estudo sobre o Santo Daime em Psicologia Social. Embora a Medicina tenha se interessado pelas características psicofisiológicas desencadeadas pela ingestão do chá, aliando-se aí a estudos etnobotânicos e farmacológicos e a Antropologia e a História tenham realizado uma série de etnografias e pesquisas históricas, sentimos falta de estudos em Psicologia neste campo. É importante acentuar que há mais de vinte anos foram fundadas algumas igrejas no Sudeste, que cresceram sem nenhum tipo de propaganda ou proselitismo para angariar novos membros. Há uma série de fatores que nos permitem incluir o Santo Daime como um fenômeno que ocupa um lugar em nossa sociedade plural, urbana. A Psicologia Social tem muito a contribuir para uma melhor compreensão da doutrina.

A década de 90 pode ter sido considerada a “década do cérebro” (devido ao *boom* de pesquisas e descobertas sobre o funcionamento dos processos cerebrais). Porém, em nossa opinião, há muito o que se descobrir sobre a consciência e os estados mentais, e o papel que estes estados desempenham na construção de nossa vida social.

Talvez esta e outras tantas pesquisas ajudem o homem a compreender cada vez mais consciente sobre como funciona sua mente (que, num certo sentido, constrói a realidade experimentada) e, com isso, trabalhar cada vez mais consciente também de sua responsabilidade para com o Planeta Terra e todos os seus habitantes.

Notas:

Texto de referência: ARAÚJO, M.C.R. – “*Santo daime: teoecologia e adaptação aos tempos modernos*”. Dissertação de Mestrado defendida em 18/04/05 no PPG-PS/UERJ, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Vieiralves-Castro.

ⁱ Houve uma tentativa, nos anos 60, de se realizar pesquisas sobre os efeitos do LSD, antes que essa substância se tornasse ilegal nos EUA e proibida mundialmente, pelos psiquiatras Leary e Watts. Tais pesquisas foram, porém, deixadas de lado.

ⁱⁱ Atualmente, ONGs ecológicas como os Defensores da Terra tem procurado uma inserção e conscientização ecológicas entre as diversas linhas religiosas que realizam rituais natureza. A ONG em questão criou o conceito de *sítio natural sagrado*, procurando tornar as pessoas que freqüentam espaços naturais com fins religiosos aliados na causa da preservação.

ⁱⁱⁱ Trechos dos hinos 93- Pd. Sebastião; 124 e 119- Mestre Irineu.

BIBLIOGRAFIA :

ARAÚJO, W.S. (1999)- *Navegando nas Ondas do Daime- História, Cosmologia e Ritual da Barquinha*. Campinas: UNICAMP, CMU Publicações.

CASTANEDA, C.(1974)- *A erva do diabo*.Rio de Janeiro, Record.

FRÓES, V. (1986)-*História do Povo Juramidam- A Cultura do Santo Daime*. SUFRAMA, Manaus.

GOULART, S. L.(2004) - O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e calendário ritual. In: *O uso ritual da ayahuasca*. LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.) Campinas, Mercado das Letras.

GROF, S. (2000)- *Psicologia do Futuro - Lições das Pesquisas Modernas de Consciência*. Niterói, RJ: Heresis.

GROF, S. (1992)- *A Mente Holotrópica- novos conhecimentos sobre a psicologia e pesquisa da consciência*. Rio de Janeiro, Rocco.

HALBWACHS, M. (1992)- *A Memória Coletiva*. Vértice, São Paulo.

HUXLEY, A. (1971) – *The doors of perception and Heaven and hell*. Harmondsworth. Midlesex, Penguin Books.

JODELET, D. (2001): Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. - *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, EdUERJ.

JUNG, C.G.(1965)- *Psicologia e religião*. Rio de Janeiro, Zahar.

LABATE, B. C.(2004): *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, Mercado das Letras.

LABATE, B. C.(2004)- *A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*. In: *O uso ritual da ayahuasca*. LABATE, B.C.; ARAÚJO, W.S. (Orgs.) Campinas, Mercado das Letras.

LE GOFF, J. (1984)- *Memória*- In: *Enciclopédia Einaud: 1. Memória e História*. Imprensa Nacional- Casa da Moeda.

LÉVY, P. (1996). *O Que é o Virtual?* São Paulo, 34.

MACIEL, L.C. (1996)- *Geração em transe: memórias do tropicalismo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

MacRAE, E. (1992)- *Guiado pela lua: Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do santo daime*. São Paulo, Brasiliense.

McKENNA (1992)- *O pão dos deuses: em busca da árvore do conhecimento original*. Santa Maria da Feira, Rainho e Neves.

MAUSS, M.(1974) - *Sociologia e Antropologia*, Vol.1. E.P.U. - São Paulo,EDUSP.

MAUSS, M.(1979) - *Antropologia*, Vol.1. E.P.U. Orgs.- FLORESTAN, F.; OLIVEIRA, R.C. São Paulo, Ática.

MOSCOVICI, S.(2003):O Conceito de *Themata*. In: MOSCOVICI, S.: *Representações Sociais: Explorações em Psicologia Social*. Vozes, Petrópolis.

SÁ, C.P.(2002): Representações Sociais: O conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.)- *O Conhecimento do Cotidiano*. São Paulo, Brasiliense.

VARELA, F. J. ; THOMPSON,E.; ROSCH,E. (2003): *A Mente incorporada- Ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre, Artmed.

Outros tipos de fonte:

HINÁRIO O CRUZEIRO- MESTRE IRINEU

HINÁRIO O JUSTICEIRO e NOVA JERUSALÉM - PAD. SEBASTIÃO MOTA DE MELO

HINÁRIO O CRUZEIRINHO – PAD. ALFREDO GREGÓRIO DE MELO

REVISTAS:

CÉU DO MAPIÁ 20 ANOS: Uma comunidade espiritual no coração da floresta. 2002, Fundação Elias Mansour; Centro de trabalhadores da floresta; IDA-EDOC.

REVISTA DAS RELIGIÕES- O Mundo da fé: *Comunhão de idéias: Alex Polari fala dos fundamentos do Santo Daime*. Dezembro de 2003, São Paulo, Abril.

TERRA- Para entender o mundo- *Drogas da floresta*. Junho de 2003, ano 12,n.134.

VEJA: Ricardo Galhardo – *O barato legal*- 13 de setembro de 2000, ano 33, n 37.
In:www.santodaime.org. (9/02/2005)

WEB SITES:

www.neip.info

www.mestreirineu.org

www.santodaime.org

www.daime.org

www.ceudanovaera.hpg.com.br

<http://juramidam.jor.br>

<http://www.santodaime.info>

<http://ceudemacunaima.org/fotos.htm>

<http://www.xamanismo.com.br>

